

A ARGUMENTAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Evanielen Cristina de Barros Gomes¹

Orientador: Sylvia Regina Rodrigues De Chiaro²

RESUMO

Este trabalho mostra os resultados de uma intervenção didática realizada com alunos do ensino fundamental em uma escola pública de Olinda que teve como principal objetivo sensibilizar o professor sobre a importância do ensino da oralidade como objeto pedagógico, dentro de uma perspectiva de formação dos sujeitos críticos reflexivos, via os estudos da argumentação. Sobre o olhar de Marcuschi (2005, 2008), Cavalcante; Melo (2007, 2012), Leitão (2011; 2013), PCN'S (1997, 1998) dentre outros pautamos nosso aporte teórico. Tendo como desenho metodológico a aplicação de questionários ao professor, antes e após intervenção argumentativa a partir de debate, os resultados mostraram que o professor se sensibilizou com a atividade que envolveu argumentação, pois a mesma mostrou-se como uma ferramenta rica no que tange ao desenvolvimento das competências orais e do senso crítico do aluno.

Palavras-Chave: Argumentação, Oralidade, Debate

INTRODUÇÃO

Apesar de a comunicação oral fazer parte da rotina da maioria das pessoas ao longo de toda a sua vida, a oralidade enquanto eixo de ensino tem adquirido pouco espaço nas salas de aula. Vemos muitas vezes crianças com dificuldades em se expressar demonstrando insegurança quando solicitadas que opinem sobre algo, como participar de um debate, porém Ribeiro (2009, p. 17), afirma que “as crianças são capazes de argumentar desde muito cedo” e “essa capacidade argumentativa se amplia a partir de suas experiências com práticas discursivas socioculturalmente”. Ávila, Nascimento e Góis (2012, p. 39) ressaltam que “as pessoas resolvem a maior parte de seus problemas mais por meio da fala e menos por meio da escrita”.

A motivação da pesquisa para esta temática surgiu a partir de práticas vivenciadas enquanto graduanda de Pedagogia em situações que percebia a pouca oportunidade e valorização da fala dada aos alunos nas salas de aula, a insegurança dos professores para pôr em prática atividades que envolvessem a oralidade, principalmente aquelas voltadas para o

¹ Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: evanielen.cristina@gmail.com.

² Professor orientador: titulação, Faculdade Ciências - UF, orientador@email.com.

desenvolvimento dos discursos orais que demandariam dos alunos posicionamento crítico perante diversas situações e argumentar com base em fatos, agindo com timidez quando a vez de falar lhes era concedida (ANTUNES, 2003).

As atividades que envolvem a oralidade aparecem distante do que realmente deveriam oferecer aos alunos, então a argumentação aparece com lugar garantido e privilegiado para proporcionar estas habilidades argumentativas já que possui características relevantes para desenvolver a oralidade nos alunos, tais como o convencimento de algo baseado em firmes fundamentos possibilitando o exercício do papel de cidadão, refletindo sobre suas ideias, sobre as ideias dos outros e a produção de conhecimentos.

Levando em consideração a relevância deste tema buscou responder ao problema: que estratégias pedagógicas pode o professor assumir para realizar um trabalho que inclua a oralidade voltada para o desenvolvimento do aluno crítico reflexivo desenvolvendo cognitivamente e suas habilidades comunicativas argumentativas?

Tais inquietações mencionadas no estudo geraram o objetivo maior do trabalho que visa sensibilizar o professor sobre a importância do ensino da oralidade como objeto pedagógico, dentro de uma perspectiva de formação dos sujeitos críticos reflexivos, via os estudos da argumentação. Isto é, a proposta defendida aqui nesse estudo é de que a prática da argumentação em ambientes educacionais é um caminho propício para o desenvolvimento da oralidade, mas não simplesmente das competências comunicativas em si, mas do desenvolvimento de cidadãos que exercem o pensamento crítico e reflexivo como também dos aspectos cognitivos via oralidade.

Para alcançar esse objetivo, tomamos por objetivos específicos: 1- identificar o conceito de oralidade por parte do professor e os usos e formas de abordar a mesma na sala de aula; 2- avaliar os impactos de uma intervenção argumentativa como caminho para o desenvolvimento da oralidade dos alunos e 3- avaliar os impactos dessa intervenção na compreensão do professor sobre os alcances do uso da argumentação no ensino da oralidade e aprendizagem dos alunos.

DESENVOLVIMENTO

Oralidade: breves considerações e reflexões sobre o tema

Marcuschi (2005, p. 54) conceitua a oralidade como “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”. Sabe-se que, embora os professores compreendam e tenham lido sobre suas

práticas, elas são divergentes, mostrando uma diferença entre a teoria fundamentada em um documento com a prática real utilizada na sala de aula.

Ainda paira o privilégio de uma classe mais silenciada e por muito tempo atrás as aulas de Língua Portuguesa tinham o privilégio pelo ensino voltado a leitura, escrita e gramática. Só após a década de 80 que vemos grandes contribuições de linguistas que iniciam os estudos ao que concerne o ensino da língua materna tornando a oralidade objeto de ensino. A modalidade oral era desprezada na crença de ser uma maneira informal de aprendizagem, numa conversa, no diálogo por exemplo. A propósito, dedicar-se a modalidade oral era algo sem prioridades, “imperfeito e relaxado” (BELARMINO, 2017, p. 15), hoje visto como “de forma simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto” (FÁVERO, ANDRADE; AQUINO, 1999, p. 9).

A respeito dos desafios da prática da oralidade, “professores reconhecem que o trabalho com oralidade deva ser mais consistente, com a inclusão dos gêneros, mas que se sentem inseguros para aplicar o trabalho bem como avaliá-lo” (ÁVILA; NASCIMENTO; GÓIS, 2012, p. 40).

Como observamos, fica evidente o que acontece na realidade educacional de nossas escolas. Muitos embaraços quanto “o que e como ensinar”, este eixo de ensino ainda é preocupação dos professores, mesmo havendo referenciais teóricos, documentos, para o professor ter contato.

A avaliação no contexto da oralidade: quais critérios usar?

Assim como oral se ensina através dos gêneros orais, ele também se avalia e do ponto de vista avaliativo, não somente a gramática nem a leitura, mas é possível ao professor, realizar a avaliação formativa de seus alunos usando alguns critérios de análises que se distribuem e se constituem em, 3 aspectos a saber: extra linguísticos, paralinguísticos e cinésicos e os aspectos linguísticos. Segundo as autoras Melo, Marcuschi e Cavalcante (2012), os aspectos extralinguísticos seriam referentes às características do contexto de ocorrência da situação de oralidade; e os paralinguísticos, que são atrelados aos cinésicos, referem-se a relação intrínseca entre fala e corpo. Por último, os linguísticos dizem respeito as interações e construção do texto oral propriamente dito.

Neste sentido, julgamos importante as contribuições de Melo, Marcuschi e Cavalcante (2012), que em seus trabalhos nos trazem um conjunto de elementos que constituem cada um desses aspectos.

Como podemos observar, cada aspecto desses delimita algumas características que o professor, quando utiliza um gênero oral para ser objeto de ensino, pode além de avaliar nos seus alunos, também os estimular a se apropriarem destes. Isso nos faz lembrar de que, em muitas situações na sala de aula é comum ver que alunos se prepararam, estudam para tal apresentação e no ato esquecem das falas, (como afirma estes mesmo autores), estas características podem “trair o falante”³ (MELO; MARSCUSCHI; CAVALCANTI, 2012, p. 98).

A Argumentação em ambientes educativos: algumas reflexões

Como define De Chiaro e Leitão (2005, p. 56) “argumentação é o movimento de gerar e ao mesmo tempo defender um ponto de vista e questioná-lo a partir das contraposições direcionadas ao mesmo”. Ela oferece meios para o aluno exercer a cidadania ao se “posicionar de maneira crítica” (BRASIL, 1997, p. 69). Segundo Koch (2011, p. 17) “a interação verbal por meio da língua caracteriza-se fundamentalmente, pela argumentatividade. O privilegiar da oralidade à luz da argumentação só traz benefícios aos alunos e o professor pode a princípio enxergar como uma tarefa desafiante, mas muito gratificante, pois está contribuindo fortemente para “o exercício real da cidadania [...] como o ouvir os argumentos do outro e, a partir daí poder refletir e se posicionar, opinar sobre o que ouviu, refutar, justificar opiniões” (RIBEIRO, 2009, p. 56).

Destaca Leitão (2011) que a argumentação, que é de natureza discursiva, acontece quando existe um ponto de vista divergente do outro, e uma nova posição é construída, não necessariamente diferente da anterior podendo ser a mesma, porém em um momento de reflexão mais sofisticado. É constituída por três elementos que podemos chamar de tríade argumentativa: argumento, contra-argumento e resposta. O argumento surge como meio inicial de um posicionamento e visa de certa forma influenciar o modo de pensar do outro já que para estar completo vem acompanhado que justificativa(s) que o sustente. Sendo o argumento o primeiro

³ O corpo pode denunciar um comportamento emocional involuntário do falante (aceleração do ritmo cardíaco, tensão muscular, rosto enrubecido, tom agudo da voz).

elemento de uma situação de argumentação, o contra argumento por sua vez é o momento em que uma nova perspectiva é apresentada, propiciando uma reflexão sobre esse primeiro elemento, pelo próprio enunciador do argumento (autoargumentação) ou por outra(s) pessoa(s) envolvida(s) na situação. Quando o indivíduo se depara com um contra argumento e há, portanto, uma divergência de opiniões, é necessário refletir sobre essa diferença surgida de forma a construir uma resposta à mesma, sendo esse o terceiro momento desta tríade em que há um repensar das ideias em questão.

Entendemos, com base nas reflexões contidas neste tópico, o quão interessante podem ser as práticas escolares voltadas para argumentação, especialmente por estarem em perfeita harmonia com o ensino da oralidade como a concebemos. O professor que tem seu olhar direcionado na oralidade pela argumentação poderá contribuir diretamente na formação de sujeitos críticos, que atuam de forma mais efetiva no mundo.

METODOLOGIA

O presente projeto que é de natureza qualitativa do tipo pesquisa-ação teve como público alvo, alunos do 4º ano do ensino fundamental, em uma escola Municipal da cidade de Olinda. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas. Na primeira etapa foi realizado um questionário ordenado direcionado ao professor da classe escolhida para compreender professor qual entendimento sobre oralidade e argumentação em específico.

Na segunda etapa foi realizado o debate de opinião de fundo controverso, que permite que os envolvidos reflitam acerca da temática, exponham suas opiniões e as defendam sendo o caminho para se responder ao segundo objetivo. Vale ressaltar que para analisar o segundo objetivo específico, duas unidades de análise foram necessárias. Do ponto de vista da ocorrência da argumentação, a unidade de análise utilizada será a tríade de argumento, contra-argumento e resposta (LEITÃO, 2011). Já do ponto de vista da oralidade, a unidade de análise utilizada versa sobre os aspectos extralinguísticos, paralinguísticos e cinésicos e linguísticos (MELO; MARCUSCHI; CAVALCANTE, 2012).

Na terceira etapa da metodologia foi entregue um novo questionário ao professor para atender ao terceiro objetivo da pesquisa, que é avaliar os impactos da intervenção na compreensão do professor sobre os alcances do uso da argumentação no ensino da oralidade e aprendizagem dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e análises serão apresentados abaixo a partir de cada um dos objetivos propostos no início deste trabalho. O quadro a seguir mostra as perguntas elaboradas e as suas respectivas respostas:

Quadro 1: Questionário Inicial

1. O que você entende por oralidade?	<i>“- Oralidade é falar o que eles entenderam depois de ler um poema né, uma carta uma tirinha”</i>
2. Você costuma fazer algum trabalho direcionado ao ensino da oralidade? Se sim, qual? Se não, porque?	<i>“-sim.”</i>
3. Você utiliza algum gênero textual oral para ajudar nesta prática? Se sim, que gêneros orais você utiliza? Se não, por que não usa?	<i>“-Faço todo tipo de gênero textual, quando faço tirinha, receita e os alunos falam o que entendeu[...]”.</i>
4. Existe alguma dificuldade que impeça o professor de trabalhar a oralidade na sala de aula? Se sim, quais? Se não, por quê?	<i>“-É DIFÍCIL SIM! Principalmente pela quantidade de aluno que existe em uma sala (referindo pelo menos a minha, que são 36 ativos). Quando a gente abre pra falar, né, todos querem falar de uma vez, justamente porque não tem educação né. Mas a gente articula e alguns falam né. Todo não dá pra falar, não!”</i>
5. Para você, o que é argumentação?	<i>“- É saber convencer, defender pontos de vista, através da fala e da escrita.”</i>
6. Qual a sua opinião sobre a utilização da argumentação como caminho para o ensino da oralidade na sala de aula?	<i>“-A utilização da argumentação levará a criança a perceber que a escrita é a representação da fala, possuindo regras. Fazer a diferença entre a língua formal e informal.”</i>
7. Que alcances você imagina que essa utilização pode ter no desenvolvimento da oralidade dos alunos e aprendizagem dos mesmos?	<i>“- Eles irão utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas.”</i>

Fonte: O autor.

Conforme o primeiro critério que é sobre o entendimento do professor sobre oralidade citado no primeiro objetivo, observamos diante das respostas no questionário inicial que, para a professora da turma, “oralidade é falar” [...], contudo oralidade vai além disso. Não só falar, mas ouvir e refletir. Outro ponto também que podemos comentar a partir da questão 1 é que ela faz da “oralidade” uma atividade meio para se chegar ao fim de outra, o que fica explícito quando diz “o que eles entenderam depois de ler um poema, uma carta uma tirinha”. Quanto ao segundo critério, o uso da argumentação no espaço educativo como meios de desenvolver a linguagem oral nos alunos, percebemos nas respostas do professor ao quesito 5 que na sua compreensão a argumentação seria o “defender pontos de vista”. Consideramos que a

professora tem um conhecimento um pouco distante em relação ao que se defende neste estudo, uma vez que não só defender pontos de vista caracteriza como argumentação, este é, apenas um primeiro elemento da tríade que Leitão (2013) concebe. Para a autora, a argumentação enquanto uma atividade social e discursiva que se caracteriza pela construção, justificação, negociação e transformação de diferentes pontos de vista. Em relação ao terceiro critério, as dificuldades do professor em trabalhar a oralidade, procuramos compreender na ótica da professora que dificuldades ela encontra para desenvolver a oralidade do aluno. Na resposta 4 do questionário percebemos que ela justifica a dificuldade em duas instâncias: alunos mal-educados, porque não esperam a vez de falar e falam todos de uma vez e salas lotadas.

Para responder ao segundo objetivo do trabalho, foram feitos alguns recortes de momentos que julgamos pertinentes para melhor exemplificar como se deu o processo, de argumentação e, também direcionar a análise para os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos e extralinguísticos nas ações dos alunos. Como podemos ver no quadro a seguir

Quadro 2: recorte 1 do debate

Argumentos	Turnos de fala	Oralidade
	<p>(T1) <i>Pesquisadora:</i> As crianças hoje em dia preferem mais brincar nos table'ts, computadores, celulares do que sair pra brincar com os amiguinhos na rua. O que é que está acontecendo? O que vocês acham disso?</p> <p>((Vários alunos começam a falar de uma vez e 3 levantam a mão, sinalizando que queriam falar.))</p>	<p>Aspectos paralinguísticos e cinésicos. (gesticular das mãos, acenar)</p>
Argumento	<p>(T6) <i>Magaiver:</i> (Com as mãos entrelaçadas levam para o queixo)</p> <p>- Tia, eu fico com o celular carregando na tomada até 100%. Aí eu <i>tiro</i> ele do carregador e jogo até descarregar. (risos) Então quando o celular descarrega eu vou para a televisão...</p>	<p>Aspectos paralinguísticos e cinésicos. (risos, gesticular das mãos)</p> <p>Aspectos linguísticos: Marcadores conversacionais - Aí, Então)</p>
Argumento	<p>(T7) <i>Maria Rita:</i> (interrompe a fala aluno) É MAS ISSO DÁ PROBLEMA DE VISTA! É... Tipo... Eu já fiquei usando óculos direto agora, minha vista embaça, Porque, tipo, isso é um vício (Gesticulando a mão e descruzando as pernas.) Eu mesmo acho que tem hora pra</p>	<p>Aspectos paralinguísticos e cinésicos. elocução (fala produzida rápida)</p> <p>“mas”, “tipo” marcadores conversacionais – aspecto linguístico</p>

	tudo, de pensar, de mexer no celular, tudo tem hora, pra tudo tem um tempo.	Aspectos linguísticos -atos de fala negativa: “isso é um vício” Atos de fala positivo: aceitar. (é mas...)
--	---	---

Neste fragmento analisado podemos identificar que a partir da ação pragmática do pesquisador após a leitura provoca nos alunos uma reflexão sobre o tema proposto. O aluno Magaiver parece se identificar com o que a pesquisadora falou (T2), porém ele não responde ao que a professora perguntou e sim mostra concordância com o que a professora lhe perguntou, apresentando seu exemplo diário como prova. O aluno assume o papel de proponente nesta discussão e, conforme este mesmo autor assume o papel de “exame de posições contrárias”. Todavia, percebemos na fala de Maria Rita o que chamamos de argumento, pois a aluna apresenta um olhar diferenciado, mais elaborado em relação ao argumento ditos por Magaiver. Segundo Leitão (2013) o primeiro argumento consiste em um ponto de vista invocada para justificá-lo. Quanto aos aspectos linguísticos, percebemos dados variados quanto a postura, a entonação. Todos os envolvidos nesta análise desenvolvem um papel crítico, de posicionamento, e encontramos apenas neste trecho mais de um aspecto nos turnos de fala como os aspectos paralinguísticos e cinésicos (gesticular das mãos, acenos), aspectos paralinguísticos e cinésicos. (risos, gesticular das mãos) e os aspectos linguísticos do tipo Marcadores conversacionais (Aí ou Então).

Quadro 3: recorte do debate

Argumentos	Turnos de fala	Oralidade
Argumento	<i>(T23) Magaiver: Oxe</i> , eu tava no meio da partida, jogando Free Fire. Disse que não ia e voltei pra cama pra jogar. (Os alunos o olham com ar de reprovação, olham uns para os outros como um “não acreditar” na fala do aluno)	Aspectos linguísticos – “Oxe”: marcadores conversacionais. – Aspectos Paralinguísticos e cinésicos: “ar de reprovação” - mímicas faciais. “o olham” – trocas de olhares.
Contra - argumento	<i>(T24) Maria Rita: EU DISCORDO DELE!</i> Porque, como é que a pessoa escolhe o celular e dá valor pro celular? Ai a outra pessoa vai deixando de chamar pra brincar, aí ele não vai querer.	Aspectos Paralinguísticos “Início da fala” com tom e volume de voz alto.

		Aspectos Linguísticos: Atos de fala: Discordar, Marcadores conversacionais “Aí”
	T25: Pesquisador: Olha Magaiver! ELA ESTÁ DIZENDO que você dá valor mais para um celular do que uma brincadeira lá fora com um colega. E isso mesmo Magaiver? Tu concorda com o que ela disse?	Aspectos Paralinguísticos “Início da fala” com tom e volume de voz alto. Provocação: Ação Discursiva.
Resposta	T26: Magaiver: Não. Porque, é... (roendo as unhas e cruzando as pernas) eu tava jogando, e eu podia jogar no outro dia.	Aspectos Paralinguísticos: Aspectos Linguísticos: Atos de fala negativo: Discordar, Marcadores conversacionais: “é...”

Fonte: O autor.

Como podemos perceber, do ponto de vista argumentativo, Magaiver (T26) continua defendendo suas preferências pelo uso do celular mais do que ter amigos presentes e independente de adquirir um problema na vista ele continua a escolher o celular. Vimos aí também a presença de mais um elemento da tríade definida por Leitão: a resposta. (2013)

A cada solicitação de resposta dos alunos, é ampliado o seu argumento inicial, respondendo às objeções com um “algo mais”, assumindo uma postura reflexiva e crítica. Referente à oralidade, salientamos como é gratificante proporcionar aos alunos momentos de debate como este, em que eles percebem, como a escuta é uma atividade importante já que se os alunos não prestassem atenção ao que o outro fala, dificilmente eles iriam formular suas opiniões. Sem contar também que os demais alunos que estiveram calados durante o momento de fala de outro também estiveram participando cooperativamente à situação, ou seja, do ponto de vista da oralidade, os alunos não estavam calados porque o pesquisador pediu para fazer silêncio (como um ato disciplinador), mas porque estavam desenvolvendo comportamentos de quem ouve.

As perguntas e respostas a seguir foram respondidas pelo professor para o questionário final.

Quadro 3: Questionário final do professor

1. Que impactos a intervenção teve na sua prática que você julga importante?	<i>“Na verdade, não percebi nenhum impacto. Tudo que foi apresentado já era do meu conhecimento.”</i>
---	---

2. Você utilizaria novamente a prática de argumentação desenvolvida em debates como estratégia para ensino da oralidade? Justifique.	<i>“Claro que sim! É muito importante permitir que os estudantes se posicionem e que sejam observados nas suas opiniões.”</i>
3. Em sua opinião, existe algo que dificulta o professor em planejar atividades voltadas para o ensino da oralidade? Justifique.	<i>“Existe, sim! Um dos fatores que dificultam essa prática é o quantitativo de alunos na sala de aula.”</i>
4. Você acha que houve melhoria dos alunos no que tange as competências argumentativas orais desenvolvidas por meio de debates? Justifique.	<i>“Na verdade, em sala de aula eu já uso esse método; só que não dá pra ouvir a todos.”</i>
5. Se você não utilizava a argumentação, depois de vivenciar essa intervenção, você passaria a utilizá-la?	<i>“Como já falei uso quando possível, porém, os estudantes que se posicionam são quase sempre os mesmos.”</i>
6. Você indicaria a outros professores esta prática vivenciada na pesquisa? Justifique.	<i>Claro que sim. Precisamos permitir que os estudantes se posicionem.</i>

Ao analisar o questionário final entregue a professora, pudemos perceber que quanto ao primeiro critério, que busca saber se houve impacto na professora pelo debate como atividade argumentativa, a mesma demonstra nas respostas que esteve satisfeito com o que foi realizado. Além do mais, destacamos na fala da professora na questão 2 por exemplo que a mesma traz um novo elemento para justificar sua resposta: observar os alunos ao dar suas opiniões. Vimos na resposta dela um elemento novo, a importância da escuta, quando comparamos com as respostas do primeiro questionário que envolvia questões sobre oralidade. Quanto ao segundo critério, buscamos saber se a prática foi de fato significativa para a professora de modo que ela oportunize aos alunos novamente; assim vimos nas respostas da professora que a mesma demonstra interesse em realizar e que concorda que o professor deve oferecer práticas de oralidade em que permitam que o aluno se posicione. Porém mesmo a professora reconhecendo a importância, percebemos que o trabalho com a oralidade se restringe e não é priorizada como se espera, “só quando possível” como ela mesma diz na questão 5. Ao observar a resposta ao quesito um e o quesito cinco notamos que a professora afirma que não foi impactada pela atividade argumentativa pois já conhecia, porém, vimos pouca clareza por parte da mesma acerca das práticas de argumentação, mesmo ela afirmando que já conhecia. Deste modo, ao refletir sobre as respostas da professora ao questionário inicial e o final, podemos entender que houve uma evolução por parte da compreensão da mesma quanto as práticas de oralidade na sala de aula via argumentação. A professora de fato afirma trabalhar a oralidade, mas o tratamento para este eixo de ensino não contempla por exemplo a sistematização da atividade aos gêneros orais, porém julgamos válida a intenção da professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo geral sensibilizar a professora quanto ao ensino da oralidade dentro de uma perspectiva de formação de sujeitos críticos e reflexivos, via estudos da argumentação. Acreditamos, pelos resultados encontrados, que o caminho metodológico traçado se mostrou como um bom potencial para tanto, já apontando uma certa sensibilização. Todavia, ressaltamos que uma única intervenção na sala de aula ainda foi pouco para uma maior sensibilização da professora quanto a compreensão sobre a argumentação e sua importância como caminho para a prática da oralidade no ambiente educacional. Por meio desta perspectiva tratada no estudo, desenvolvemos uma intervenção argumentativa que proporcionasse aos alunos atividades no eixo oralidade. Pudemos ver a partir das análises feitas que atividades relacionadas a argumentação, como o debate, demandam do aluno reflexão e produção de textos orais críticos. Além disso, percebemos que as práticas de oralidade e argumentação são um desafio tanto para o professor, que pouco compreende sobre, como para o aluno que precisa de mais momentos de fala na sala para se tornarem cidadãos críticos e reflexivos.

Nossas análises nos mostraram, portanto que podemos encontrar na argumentação um caminho privilegiado, um caminho mais efetivo para o professor desenvolver a criticidade do aluno, torná-lo proficiente quanto às competências orais e assim romper com esses desafios do ensinar oral como ainda é presente nas salas de aula. O professor necessita assim reconhecer o seu papel de mediador numa prática de oralidade e argumentação, sendo aquele que estimula a fala do aluno, mesmo aqueles que se sentem inseguros para o falar. Portanto, sugerimos que em novos trabalhos uma intervenção mais longa e aprofundada seja realizada, que se constitua numa formação e capacitação do professor com o intuito de que o mesmo não somente compreenda a relação profícua que existe entre o exercício da argumentação e o desenvolvimento da oralidade, mas que também aprenda a planejar e mediar estratégias didáticas potencialmente argumentativas para esse fim.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Saraiva: 2003.

ÁVILA, E.; NASCIMENTO, G.; GOIS, S. Ensinando a oralidade: revisitando documentos oficiais e conversando com professores. In: LEAL, T. F.; GOIS, S. (Orgs.). **A oralidade na**

escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BELARMINO S, Annabel. **Oralidade e Argumentação:** Análise de uma proposta de ensino por meio do gênero debate. Tese Mestrado em Linguística. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: UFES, 2017

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):** Língua Portuguesa: Ensino Fundamental. Primeiros e segundo ciclo. Brasília: MEC/ SEF, 1997

DE CHIARO, S.; LEITÃO, S. O papel do professor na construção discursiva da argumentação em sala de aula. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 18, n. 3, p. 350-357, 2005.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita:** Perspectivas para o ensino de Língua materna. 7.ed. São Paulo: Cortez. 2009.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem.** 13.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEITÃO. Selma. **Argumentação na Escola:** o conhecimento em construção. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 6.ed. São Paulo, Cortez, 2005.

MELO, C. T. V.; MARCUSCHI, B.; CAVALCANTE, M. C. B. Superando os obstáculos de avaliar a oralidade. In: MARCUSCHI, B.; SUASSUNA, L. (org.). **Avaliação em língua portuguesa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RIBEIRO, Roziane. M. **A construção da Argumentação Oral no Contexto de Ensino.** São Paulo: Cortez, 2009.